

Os agentes invisíveis do território usado: o circuito espacial de produção do vestuário em São Paulo

Silvana Cristina da Silva

✉ silvanasilva@id.uff.br

Resumo

O território usado é a expressão da divisão territorial do trabalho e se revela nos lugares. A metrópole de São Paulo apresenta-se como um lugar complexo pela acumulação de divisões territoriais pretéritas, que se impõem às novas ações. A cidade torna-se lugar de abrigo das etapas dos mais diversos *circuítos espaciais de produção*, sendo alguns de alcance planetário e outros com atuação mais regional. O circuito espacial de produção do vestuário tem sua centralidade em São Paulo porque esta disponibiliza, por um lado, atividades sofisticadas e modernas, pertencentes ao *circuito superior* e, por outro, concentra atividades da própria produção, caracterizadas como *circuito inferior* — que, muitas vezes, são invisíveis. Desse modo, apresentamos uma análise da dinâmica urbana da cidade, destacando os agentes invisíveis do ramo do vestuário, sem desconsiderar a articulação entre estes e os agentes do circuito superior na compreensão da cidade como totalidade, onde pobreza e riqueza não se dissociam.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: território usado; circuito superior; circuito inferior; circuito espacial de produção; São Paulo.

Introdução

A compreensão dos processos atuais, a partir da leitura do espaço geográfico, exige o descortinamento de fenômenos que, muitas vezes, não estão facilmente visíveis. Daí a necessidade de utilizarmos conceitos e ferramentas metodológicas que nos permitam uma aproximação com os processos e os verdadeiros agentes que os promovem. Assim, buscamos elucidar o funcionamento da metrópole de São Paulo a partir da decomposição do circuito espacial de produção do vestuário, sublinhando o papel dos agentes que usam o território com baixa tecnologia, pouco capital e que têm uma organização simples, muitas vezes invisíveis no cotidiano da metrópole.

O território brasileiro passa por um intenso movimento de renovação de suas materialidades. Novas divisões territoriais do trabalho se implantam sobre materialidades já existentes. Assim, torna-se pertinente a incorporação à análise geográfica do conceito de território usado pois, ainda que o território político — definido por Gottmann (1975) como uma porção do espaço geográfico que coincide com um compartimento jurídico, dotado de um governo, que contém e suporta um corpo político organizado sob uma estrutura governamental — seja essencial para a compreensão do mundo, os territórios abrigam quantitativas e qualitativas diferenças e usos.

O território não é uma entidade pura (SANTOS, 1994; SILVEIRA, 2008), não é apenas natureza, não é apenas político, não é apenas econômico ou cultural, tampouco é homogêneo. O território usado constitui-se de formas e ações e é sinônimo de espaço humano (SANTOS, 1994). Cada território organiza-se quantitativamente e qualitativamente a partir das variáveis materiais que o constituem e por ações que o animam, e isso se dá em um processo constante. Cada período se define pela superposição de divisões territoriais do trabalho que mostram a forma como o território é usado (SILVEIRA, 2008). O lugar é que revela ao mundo o território usado, pois apresenta particularidades em função da distribuição das atividades produtivas e da ação social. Ao mesmo tempo, o lugar está cada vez mais submetido à lógica externa a ele e à *formação socioespacial* em que está inserido.

A metrópole de São Paulo é um lugar complexo porque é *relé*¹ de uma

1 A definição de *relé* origina-se dos circuitos elétricos. Segundo o dicionário Aurélio, trata-se de um dispositivo que tem a função de abrir e fechar contatos elétricos, a fim de estabelecer ou interromper circuitos. Essa noção pode ser adaptada ao papel da cidade de São Paulo na economia política da urbanização brasileira.

infinidade de circuitos espaciais de produção e círculos de cooperação², sendo associada a estes uma rede de agentes com poderes distintos de organização do território. A cidade nos países periféricos funciona a partir dos *dois circuitos da economia urbana* (SANTOS, 2004). O circuito superior é aquele das grandes empresas e instituições, e o circuito inferior são as formas utilizadas pela população pobre — que é a maioria e tende ao crescimento — de gerar renda a partir de atividades de organização simples, que dependem de mão de obra intensiva e pouco (ou nenhum) capital. Esses dois circuitos formam o subsistema urbano, funcionando de forma complementar e concorrente. O circuito inferior subordina-se ao circuito moderno das grandes empresas porque este controla as variáveis-chave do período (SANTOS, 2004).

Na cidade de São Paulo, um único espaço econômico metropolitano integrado apresenta materialidades e ações construídas para o exercício da economia globalizada — das grandes e poderosas empresas —, enquanto, em seus interstícios materiais, abre-se a possibilidade do exercício de uma economia não hegemônica, na qual a divisão do trabalho é multiplicada para acolher um contingente cada vez maior de pessoas, formando o circuito inferior. Sobre os agentes do circuito inferior se constrói uma invisibilidade conveniente, que serve para esconder as relações sociais e territoriais que compõem os circuitos de acumulação.

Elucidamos a existência desses agentes invisíveis que contribuem com a criação, a organização e a materialização dos distintos usos do território a partir da análise do ramo do vestuário, explanando sobre o papel da metrópole como *relé* dos circuitos espaciais de produção — de um lado, produtora de informação e, de outro, abrigo de etapas da produção com uso reduzido de capital e tecnologia, além do baixo grau de organização. Ambos os circuitos compõem a totalidade da cidade, com seus agentes visíveis e invisíveis.

A metrópole de São Paulo como *relé* dos circuitos espaciais produtivos

O sistema de cidades nacional, comandado por São Paulo, está em interação com outros lugares do mundo em função dos fluxos de mercadorias, pessoas e dinheiro mobilizados pelos mais diferentes circuitos espaciais de produção que, por sua vez, formam a economia urbana da cidade. Por isso a metrópole constitui-se em

2 O circuito espacial de produção compõe-se pelas etapas pelas quais passa a matéria-prima até a transformação em produto final: produção, distribuição, comércio e consumo perfazem tais etapas (SANTOS, 1986, 1988; MORAES, 1991; SANTOS; SILVEIRA, 2001; CASTILLO, 2005). O círculo de cooperação refere-se aos fluxos imateriais necessários à execução da produção, como informações técnicas, logísticas, pesquisa e desenvolvimento.

relé dos circuitos produtivos dos diversos ramos. A economia urbana da cidade expressa a divisão territorial do trabalho e os papéis urbanos da metrópole do território brasileiro.

A cidade de São Paulo, pela própria definição do conceito de cidade, é única. Contudo, ela esposa as condições gerais da urbanização no atual período técnico-científico e informacional (SANTOS, 2002). É o caso da concentração de atividades industriais e de produção de informação. No Brasil, a *macrocefalia* (SANTOS, 1965) no sistema de cidades — isto é, o surgimento de grandes cidades que concentram a maior parte das atividades econômicas, além da população — é um traço que caracteriza a urbanização do território brasileiro. A cidade de São Paulo é hoje a que melhor representa esse fenômeno.

Alguns geógrafos, como Cordeiro (1988), Corrêa (2006), Santos (2009a, 2009b), Lencioni (1991) e Silva (2001), enfatizaram em seus trabalhos a centralidade da cidade de São Paulo para o território brasileiro. Essa centralidade ocorre pelo controle dos fluxos materiais decorrentes dos diversos circuitos produtivos e, mais recentemente, pelo controle dos fluxos imateriais, os círculos de cooperação.

São Paulo abriga densamente as atividades produtoras de informação, como demonstra Silva (2001). Essa produção de informação é substrato ao funcionamento do complexo emaranhado de circuitos produtivos que convergem na metrópole. Escritórios de advocacias, consultorias financeiras e de informática, grandes agências de publicidade, sedes de grandes bancos, sedes de instituições públicas e instituições de pesquisa importantes são expressões do poder de comando dos fluxos materiais e imateriais da cidade. Além disso, a construção da cidade para a fluidez, por meio do sistema rodoviário, a torre de controle do movimento de helicópteros, a presença de aeroportos, além dos equipamentos culturais e de lazer — como museus, *shoppings*, teatros, bibliotecas, grandes exposições internacionais —, exigem a presença de um tipo de população ligado ao comando dos circuitos produtivos, fazendo da metrópole um *lugar luminoso* (SANTOS, 2002).

Muitos autores, ao interpretar a cidade apenas como um lugar luminoso, a definem como *cidade mundial* ou *cidade global* (SASSEN, 1991, 1998; TAYLOR; FLINT, 2002). Para Souza (1999), a interpretação da cidade a partir do conceito de totalidade evitaria o equívoco de interpretar a cidade apenas a partir de uma de suas feições, a riqueza, desprezando a vida da maioria que vive em situação de pobreza. A interpretação da cidade como um *espaço banal* (SANTOS, 2002), como o espaço de todos, implicaria interpretar a cidade a partir dos dois circuitos da

economia urbana e não apenas de uma de suas feições.

A metrópole de São Paulo abriga os mais variados circuitos produtivos, às vezes compreendendo todas as etapas desde a produção, a distribuição, o comércio até o consumo. No entanto, muitas vezes os atores de cada ramo de atividade apenas coordenam os fluxos por meio dos sistemas de telecomunicações densamente presentes na metrópole, que permitem a formação de um amplo círculo de cooperação. As atividades de coordenação da produção, em grande medida, formam o circuito superior da cidade de São Paulo. Segundo Silva e Castillo (2007), dez das maiores agências de publicidade com atuação global estão presentes na cidade de São Paulo; além disso, as maiores empresas de consultorias e auditorias que dominam o mercado brasileiro estão na metrópole: Pricewaterhousecoopers, Accenture, KPMG, Ernst & Young e Deloitte Touche (as “Big Five”), McKinsey & CO, Mercer Consulting Group e Booz-Allen & Hamilton.

Como asseveram Silva e Castillo (2007), alguns fragmentos da metrópole acabam por serem construídos para atender às demandas do mundo corporativo. A promoção imobiliária voltada para as grandes empresas revela a cidade corporativa. As avenidas Paulista, Faria Lima, Luiz Carlos Berrini e das Nações Unidas materializam a cidade luminosa. Por outro lado, na cidade opaca — do ponto de vista da modernização —, surgem atividades de pequenas e médias empresas ou mesmo do circuito inferior, que atendem à população pobre e também complementam os circuitos modernos.

As empresas do circuito superior são as que mais ampliam os círculos de cooperação, pois têm condição de apropriação dos sistemas de circulação e transporte e de apoio estatal, além do acesso ao sistema financeiro, que lhes permite a expansão de suas atividades.

A metrópole de São Paulo torna-se ponto de confluência de diversos circuitos espaciais de produção vinculados ao capital externo, como o das grandes mineradoras, o dos comercializadores de soja e o das montadoras de automóveis com atuação mundial (ARROYO, 2004). Não obstante, abriga também o circuito espacial das empresas do vestuário de capital nacional e internacional, cuja atuação, dependendo dos atores que comandam o circuito de acumulação, revela distintas formas de organização da produção, bem como de organização do espaço urbano.

Deste modo, analisamos alguns processos na cidade de São Paulo, a partir do circuito espacial de produção do vestuário, que permite captar o movimento do território, uma vez que os circuitos espaciais da produção “são definidos pela

circulação de bens e produtos e, por isso, oferecem uma visão dinâmica, apontando como os fluxos perpassam o território” (SANTOS; SILVEIRA, 2001, p. 143).

A informação hegemônica, imposta pelas grandes empresas da “indústria da moda”, coexiste com a informação usada como resistência nos microcircuitos das confecções, que abrigam um grande volume de mão de obra. A cidade de São Paulo torna-se um centro informacional, dada sua capacidade de produção, organização e distribuição da informação hegemônica e, ao mesmo tempo, torna-se centro do uso da informação não-hegemônica, assim como amplia seu papel na produção via circuito inferior.

O crescimento do número de peruanos, paraguaios e, destacadamente, bolivianos trabalhando nas atividades de vestuário, comércio e artesanato do circuito inferior em São Paulo revela que esta cidade, além de centro da informação moderna, vem se constituindo em um centro polarizador do uso da informação como sobrevivência/resistência não apenas local mas também regional, sendo o circuito inferior responsável por acolher as necessidades de trabalho e de consumo dessa população. Esses agentes são invisibilizados pela mídia, pelo Estado e pelos interesses empresariais, pois compõem a parte explorada dos circuitos de valorização do capital.

As grandes empresas varejistas com destaque no ramo do vestuário, como Marisa, Pernambucanas, Riachuelo, C&A e Zara, possuem seus escritórios na cidade de São Paulo. A necessidade dos serviços de *marketing* e propaganda, pesquisa e desenvolvimento, logística, consultorias jurídicas, de informática e financeiros é fator determinante para a presença dos escritórios dessas empresas na metrópole. A necessidade de coordenação dos fornecedores, que em parte concentram-se também na metrópole, contribui para a localização das atividades decisórias dessas empresas do ramo de confecção em São Paulo.

Na formação de profissionais da área de moda, São Paulo é referência dos 131 cursos de moda no Brasil (que incluem os seguintes: Moda, *Design* em Moda, Estilismo, Gestão em Moda, Negociação em Moda, Tecnologia e Produção de Vestuário), e o estado de São Paulo destaca-se com 39 cursos: 18 no interior do estado, 17 no município de São Paulo e outros quatro em municípios da Região Metropolitana de São Paulo (GUIA ABRIL, 2010).

Nos bairros do Brás e do Bom Retiro encontramos uma complexa rede de atores que criaram uma *economia de aglomeração e proximidade*, que possui grande centralidade tanto para a produção, quanto para o comércio. Este último chega a atrair consumidores de todo o Brasil.

O Brás e o Bom Retiro tiveram uma renovação em seu funcionamento quando houve a incorporação, quase como regra, do sistema de subcontratação de oficinas, passando a atender os novos conceitos no ramo, como o de “*fast fashion*”, que nada mais é que a aceleração do ritmo de criação, produção, distribuição e consumo. A necessidade da moda em substituir o *design*, a cor e o tecido das peças é a essência do crescimento das empresas que dominam o circuito da valorização econômica. Por meio da subcontratação, as grandes redes nacionais e internacionais passam a usufruir do trabalho das áreas de especialização do Brás e do Bom Retiro.

A Feira da Madrugada³ é outro lugar da realização do circuito espacial de produção da metrópole, mas com organização simples, baixo emprego de capital e de tecnologia, caracterizando-se como área do predomínio do circuito inferior. Os dados sobre a Feira mostram um dinamismo do comércio popular no Brás. São cerca de 6.300 bancas cadastradas no pátio do Pari e em torno de duas mil nas ruas. O movimento é de aproximadamente 35 mil pessoas por dia. Um dos grandes chamarizes do espaço é o estacionamento dos ônibus (com cerca de 400 vagas). Segundo reportagem do Jornal Valor Econômico⁴, o presidente da subcomissão da Câmara de Vereadores para estudos sobre a Feira da Madrugada, vereador Adilson Amadeu (PTB), avalia que a Feira fatura em torno de 200 milhões de reais por mês.

Na cidade de São Paulo, diferentes atores coexistem e estão em interação. A cidade materializa a divisão territorial do trabalho em função dos agentes que possuem distintos poderes de ação. As grandes redes do ramo do vestuário e as oficinas de costura subcontratadas, juntamente com os comerciantes da Feira da Madrugada, constituem expressões dos dois circuitos da economia urbana. Os fragmentos da cidade pobre, abandonada pelas políticas públicas, tornam-se espaço de proliferação das atividades do circuito inferior; por outro lado, há a cidade rica, dotada de sistemas de circulação e transporte, foco da ação das políticas públicas e da ação corporativa. Ambos os fragmentos compõem a totalidade da cidade e funcionam de maneira complementar, concorrente e subordinada — as atividades do circuito inferior são dominadas pelas atividades do circuito superior.

Os agentes invisíveis do território usado: o ramo do vestuário e a expansão das atividades do circuito inferior

O circuito inferior acaba usando o meio construído de forma intersticial, ou

3 A Feira funciona em dois espaços: nas ruas do Brás, durante a madrugada, e no pátio do Pari, espaço público concedido para o uso dos comerciantes.

4 Jornal Valor Econômico. “A feira milionária que tira o sono de Kassab”. 22/08/2011. Disponível em <<http://www.valor.com.br/politica/982402/feira-milionaria-que-tira-o-sono-de-kassab>>. Acesso em 23/08/2011.

seja, usa os fragmentos da cidade que, por razões que fogem ao seu controle — como é o caso da ação dos grandes capitais imobiliários —, são menos valorizados ou foram abandonados pelos agentes hegemônicos.

O meio construído deteriorado acaba sendo usado pelo circuito inferior como abrigo de suas atividades. O Bom Retiro e o Brás são exemplos de áreas que passaram por um longo processo de desvalorização e, em função de abrigar atividades do circuito inferior e do circuito superior marginal⁵, foram ganhando centralidade na metrópole e atraindo consumidores de todo o território nacional.

O circuito espacial de produção do vestuário criou uma área de especialização, por concentrar várias etapas do circuito no mesmo lugar, e desta especialização surgiram muitas atividades na economia urbana da cidade, ali localizadas ou mesmo em lugares mais distantes. Não é possível mensurar a quantidade de trabalho gerada por essa área da cidade, mas é possível afirmar que ela gera muito trabalho e renda para uma população que não se insere no circuito superior, dadas as exigências por escolarização e profissionalização, e mesmo porque o circuito superior, à medida que se moderniza, expulsa a mão de obra.

O circuito espacial de produção do vestuário oferece uma gama enorme de trabalho, desde as atividades relacionadas à produção — como por exemplo a costura nas oficinas — à distribuição, ao comércio e mesmo à efetivação do consumo — que produz muitas formas de geração de renda, como o trabalho dos carregadores de mercadorias. Além disso, a geração de renda para a população pobre extrapola os limites da metrópole e chega a áreas longínquas do território.

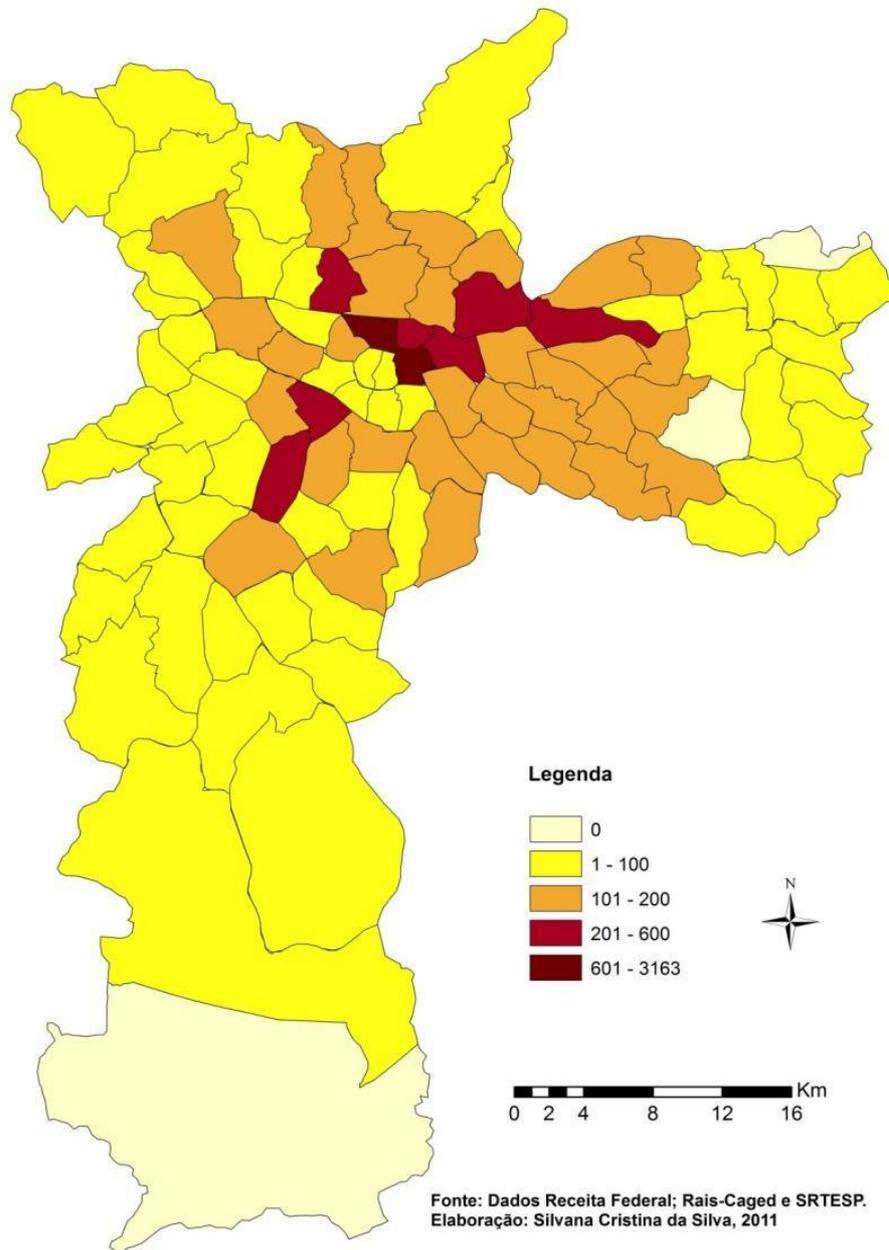
O ambiente de trabalho da metrópole, segundo Silva (2005), vive mutações com relação à intervenção tecnológica e organizacional, com o objetivo de maximizar a acumulação capitalista, cujas faces são: surgimento de novas profissões, demanda por mão de obra qualificada (maior escolaridade), inovações e atualização no uso da tecnologia, compondo a face moderna da integração; por outro lado, combinam-se a esse processo a fragmentação, a segregação e a exclusão de trabalhadores de baixa qualificação profissional. Ambas as faces expressam o funcionamento da metrópole, cujas características são a coexistência e a interdependência de profissionais para o funcionamento da economia urbana.

A organização atual da produção de confecção em São Paulo, embora haja uma tendência à dispersão das unidades de produção (oficinas), ainda está

5 O circuito superior marginal, segundo Santos (2004), pode ser um circuito inferior em ascensão, que começa a incorporar em suas atividades as variáveis modernas, ou pode ser um circuito superior em decadência, por não conseguir mais acompanhar a dinâmica econômica atual. Entretanto, o autor enfatiza que o circuito superior marginal é circuito superior, ainda que tenha especificidades.

fortemente localizada no Brás e no Bom Retiro. Cerca de 37% das oficinas de costura estão situadas nesses bairros (Mapa 1) e há certo espraiamento para a Zona Leste da cidade, nos bairros de Belém, Tatuapé e Penha, entre outros.

Mapa 1. Localização das oficinas de costura no município de São Paulo, por distritos (2010).



Fonte: Silva (2012).

Essas oficinas possuem formalização na Receita Federal, ou seja, elas indicam a concentração da produção de agentes que são registrados oficialmente.

Entretanto, há oficinas não formalizadas, das quais não se têm registros e cujos agentes estão mais sujeitos a dificuldades como o preço elevado de aluguéis do Brás e do Bom Retiro e a ausência da documentação de imigração, uma vez que a maioria dos trabalhadores é constituída por população estrangeira. Em geral, as oficinas com CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) acabam também se tornando intermediadoras das subcontratações. Elas subcontratam outras oficinas (normalmente sem CNPJ) para a execução dos serviços de costura e repassam aos lojistas. Dessa forma, podemos inferir que por trás das oficinas mapeadas há uma imensa rede de outras oficinas que são invisíveis às estatísticas e ao olhar desatento da vida cotidiana da cidade de São Paulo. Porém, evidências empíricas qualitativas apontam conexões entre as oficinas de costura formalizadas das áreas centrais da cidade e as “oficinas domésticas” da periferia da cidade.

Em entrevista, o presidente da Associação dos Bolivianos da Feira da Madrugada⁶ afirma que há uma tendência à migração das oficinas de costura para a periferia, sendo muito comum existirem anúncios nos bairros do Brás e do Bom Retiro oferecendo trabalho às oficinas e mesmo solicitando profissionais ligados ao circuito produtivo de confecções (Foto 1).

Foto 1. Anúncio na Rua Oriente, no Brás (2010).



Fonte: Silva (2012).

6 Entrevista realizada em 14/08/2010.

Existem diversas formas de organização do relacionamento entre os agentes do comércio e as oficinas de costura. Inclusive, grande parte das empresas de comércio cria os modelos, realiza o corte nas dependências das lojas (geralmente no andar superior) e produz as peças-piloto. Por isso há grande necessidade de mão de obra especializada, sendo comuns anúncios como os que mostra a Foto 1, subcontratando costureiras e oficinas.

A análise do funcionamento das oficinas de costura — consoante às variáveis tecnologia, organização, capitais, emprego, assalariamento, estoques, preços, crédito, margem de lucro, relação com os clientes, custos fixos, publicidade, reutilização de bens, ajuda governamental e dependência com relação ao mercado externo — evidencia a característica de circuito inferior de grande parte delas, ainda que sejam subcontratadas por empresas dos circuitos superior e superior marginal.

A oficina de costura Indústria de Comércio e Roupas CSV, subcontratada pela rede de lojas Marisa (REPÓRTER BRASIL, 2010) caracteriza-se pela linha de produção simplificada, cuja produtividade não é dada pelas máquinas com grande capacidade de produção e sim pela intensidade de trabalho de cada costureiro. A oficina possuía 18 funcionários, que trabalhavam de segunda a sexta-feira, das sete horas da manhã até as 21 horas e, aos sábados, das sete às 13 horas. Tal oficina organizava-se de forma simples: anotações de pagamento e dívida dos funcionários eram feitas em um caderno, bem como as encomendas realizadas, lotes e prazos de entrega. O que prevalece no cotidiano é o capital reduzido, o que inclusive dificulta a realização do desejo de ampliação da oficina para atender a encomendas maiores.

Os funcionários da Indústria de Comércio e Roupas CSV eram todos empregados sem registro em carteira. O pagamento era realizado por produtividade (por unidade costurada⁷). Em função de tratar-se de mão de obra imigrante, cujos trabalhadores não possuíam visto de permanência no Brasil ou mesmo apresentavam-se em situação de *indocumentação*, estes tornam a situação do circuito do vestuário mais suscetível à precarização e à exploração. Até mesmo o dono da oficina encontra-se em situação de extrema vulnerabilidade no sistema, pois se subordina às exigências e prazos dos contratantes, sem a garantia de pagamento. Logo, se não recebe corretamente, não paga seus funcionários. É muito comum oficinas irem à falência em função de calotes dos contratantes. A margem de “lucro” do dono da oficina na situação exposta é igual ao valor pago ao trabalhador.

Os custos das oficinas de costura dizem respeito principalmente ao aluguel do

7 Nesse caso, o valor era de R\$ 2,10 por peça costurada.

imóvel da oficina, às despesas com alimentação (dos funcionários), à energia e à água, pois há associação entre local de trabalho e moradia dos costureiros e dos donos das oficinas. Não há investimentos em inovação no processo produtivo; no máximo, ocorre a aquisição de máquinas de costura, que podem ser compradas de segunda mão.

A Indústria de Comércio e Roupas CSV não utilizava nenhum sistema de publicidade de sua oficina. Um dos motivos é que essa oficina emprega trabalho imigrante *indocumentado*, cuja necessidade de anonimato e discrição passa a fazer parte do cotidiano. Outro motivo é o fato de a oficina praticamente funcionar tendo como cliente um único comprador, a Lojas Marisa, não havendo necessidade de divulgação. Além das oficinas de costuras subcontratadas pelas grandes redes, existem as oficinas “independentes”, que são instaladas no próprio Brás e Bom Retiro ou na periferia de São Paulo.

Como traço comum do circuito inferior, os agentes hegemônicos, como o Estado, não apoiam o funcionamento das atividades, sob a justificativa da irregularidade com relação ao pagamento dos impostos e de registros dos funcionários ou de serem atividades ilegais. Não é diferente com a oficina de costura em questão, com o agravante de que se soma à lista das irregularidades, do ponto de vista do Estado, a imigração nos moldes da *indocumentação*.

As diversas situações do circuito espacial de produção do vestuário geram muitas atividades. Além das oficinas, a distribuição das encomendas (circulação) também gera trabalho, quase sempre caracterizado como circuito inferior. Em geral, a circulação nos bairros é feita por veículos de menor porte, como kombis, vans, automóveis utilitários e mesmo caminhões de pequeno porte.

Além do trabalho gerado nas oficinas de costura e no transporte das encomendas entre as lojas e o local de execução da costura, há intenso dinamismo na geração de trabalho no comércio. Parte desse dinamismo reflete-se nos inúmeros anúncios nesses bairros (Foto 2) de oferecimento de vagas para vendedores, gerentes de lojas, estoquistas, operadores de caixa, ajudantes gerais e vitrinistas, além de funções ligadas diretamente à atividade de costura nas lojas (as que criam seus próprios modelos e realizam os cortes que serão enviados às oficinas terceirizadas). Trata-se de trabalhos em geral com baixos rendimentos, o que acaba inserindo esses trabalhadores no circuito inferior, ainda que possuam carteira de trabalho assinada.

Foto 2. Anúncios de vagas de trabalho no Brás (2010).



Fonte: Silva (2012).

As vendedoras de “porta em porta” — conhecidas como *sacoleiras* — fazem parte dos consumidores desses bairros e tiram sua renda na revenda. Em função da necessidade frequente de realização de compras por esses agentes, surgem outras atividades dentro do circuito inferior, como as de guias de compras e de excursões para essa finalidade. Em Campinas, por exemplo, encontramos Cristina⁸, que é cabeleireira e também trabalha organizando excursões para o Brás, o Bom Retiro e para a Feira da Madrugada. Há quatro anos, ela trabalha com esse tipo de atividade. Segundo ela, anteriormente ocupava-se com excursões religiosas e de lazer (excursões de um dia para a praia, para adequar-se ao público de pouca renda), mas quando mudou de bairro, encontrou concorrência com pessoas que já organizavam viagens religiosas e, assim, buscou outras opções. Cristina afirma que seu público, em geral, é composto por famílias, sendo 99% mulheres, que vão a esses lugares para comprar roupas para seu próprio consumo ou para familiares. Ela faz até oito viagens ao longo do ano e em novembro e dezembro intensifica as atividades, realizando até quatro excursões nesses dois meses (Foto 3). Cristina atua como guia, principalmente para ajudar as pessoas que vão fazer compras pela primeira vez.

8 Entrevista realizada 09/12/2010.

Foto 3. Cartaz de divulgação de excursão para a Feira da Madrugada, em Campinas (2010).



Fonte: Silva (2012).

A circulação de consumidores, sobretudo das *sacoleiras* no Brás e no Bom Retiro, gera atividades da economia urbana do circuito inferior, como as de carregadores, além das de vendedores de produtos relacionados ao transporte de mercadorias, como os carrinhos e as sacolas próprias para transporte de grandes volumes. Entre os vendedores desses produtos há, também, imigrantes (africanos). Ou seja, o circuito inferior é multiplicador de trabalho, mas de um tipo de trabalho com baixíssimos rendimentos.

Fica claro que o circuito espacial de produção do vestuário que se abriga especialmente nos bairros do Brás e do Bom Retiro extrapola os limites desses lugares na criação de trabalho. No entanto, a realização de partes do circuito *in loco* traz para a cidade de São Paulo um enorme dinamismo, oferecendo trabalho àqueles que estão fora do circuito superior. Entender a economia política da cidade de São Paulo passa pela compreensão da diversidade de formas de criação de renda que não são invisíveis, como as estatísticas — aquelas não produzidas, vale salientar — nos levam a acreditar.

Considerações finais

A divisão social e territorial do trabalho decorre da materialização dos diversos circuitos espaciais produtivos, sendo alguns mais amplos e outros mais restritos à escala regional ou local. As cidades, sobretudo as metrópoles, abrigam um complexo emaranhado de circuitos produtivos de diversos ramos, que

configuram também uma economia urbana complexa que, por sua vez, relaciona-se com a rede urbana nacional.

As atividades econômicas na cidade são comandadas por atores com distintos poderes de estruturação do espaço, como bancos, corporações, incorporadoras, consultorias, elites (técnicas e políticas) e o próprio Estado, os quais possuem a capacidade de macroestruturar o território pelo poder de mobilização e materialização de suas ações, pertencendo ao circuito superior. O circuito inferior, em geral, compõe-se por atores que usam o território de forma intersticial ou residual, ou seja, os agentes do circuito inferior não têm poder para impor sua vontade sobre os agentes hegemônicos e usam a cidade e o território segundo as possibilidades criativas características. A relação entre esses diferentes agentes na cidade se dá de forma conflituosa, cooperativa, complementar e por dominação do circuito superior sobre o inferior.

A Feira da Madrugada representa um reduto do circuito inferior na metrópole de São Paulo e, enquanto tal, apresenta centralidade para além da metrópole. Daí a necessidade de qualificação do circuito inferior, pois ele ganha e impõe suas características de acordo com o lugar onde se desenvolve. O circuito inferior de São Paulo vincula-se às características de centralidade da metrópole, pois atrai fluxos para além da escala da cidade. O circuito inferior do ramo do vestuário no Nordeste e na região Sul, por exemplo, apresenta características singulares da divisão territorial do trabalho dessas regiões.

Assim, identificamos, no caso de São Paulo, um “circuito inferior de metrópole”, cuja característica essencial é a centralidade que ultrapassa os limites da cidade de São Paulo, chegando à escala nacional. Isso mostra que o funcionamento da economia urbana não é dual, ou seja, ao mesmo tempo em que a metrópole comanda fluxos a partir de suas atividades modernas do circuito superior, também comanda fluxos pelas atividades do circuito inferior, promovidas pelos agentes invisíveis da metrópole.

Os agentes do circuito inferior em grande medida são tornados invisíveis na economia capitalista moderna, pois são aqueles que de fato executam a produção e, ao mesmo tempo, são expropriados no circuito de valorização. A reduzida produção de estatísticas sobre a economia de pequena dimensão, a produção de discursos midiáticos de criminalização sobre essas atividades e a ação do Estado, com investimentos que beneficiam agentes do circuito superior, bem como o combate às oficinas não formalizadas, indicam uma leitura parcial da economia urbana, uma vez que esses agentes estão totalmente conectados e estabelecem relações dialéticas de cooperação, complementação, subordinação e dominação entre os circuitos,

sendo que estes nunca se dão de forma independente um do outro.

Referências

- ARROYO, Mónica. São Paulo e os fluxos internacionais de mercadorias: a espessura de uma Região Metropolitana. In: Carlos, A. F. e Oliveira (orgs). *Geografias de São Paulo — A metrópole do século XXI*, volume 2. São Paulo: Contexto, 2004, p. 85-103.
- CASTILLO, Ricardo. Dinâmica regional e circuitos espaciais de produtos agrícolas no Brasil. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 6., 2005, Fortaleza. *Anais...* Fortaleza: ANPEGE, 2005, p. 1-10.
- CORDEIRO, Helena Kohn. O papel da Região Metropolitana de São Paulo entre os principais pontos da economia transacional no espaço brasileiro. *Revista Ciência e Cultura*, Campinas, v. 40, n. 3, 1988.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Concentração bancária e os centros de gestão do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato. *Estudos sobre a rede urbana* (1989). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 61-99.
- GOTTMANN, Jean. The Evolution of the concept of territory. *Social Science Information*, v. 14, n. 3/4, 1975, p. 29-47.
- MORAES, Antonio Carlos Robert de. Los circuitos espaciales de la producción y los círculos de cooperación en el espacio. In: YANES, L.; LIBERALI, A. M. (orgs.). *Aportes para el estudio del espacio socio-económico*. Buenos Aires: El Coloquio, 1991, p. 153-177.
- GUIA Abril (2010). Disponível em: <<http://manequim.abril.com.br/faculdades-de-moda/faculdades-de-moda-no-brasil/>>, Acesso em: 27 out. 2010.
- LENCIONI, Sandra. *Reestruturação urbano-industrial: centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo - a indústria têxtil*. 1991. 286 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- REPÓTER BRASIL (2010). *Escravidão de imigrantes é flagrada em oficina ligada à Marisa*. Disponível em: <<http://www.reporterbrasil.org.br/>>. Acesso em: 17 mar. 2010.
- SANTOS, Milton. *As Cidades nos Países Subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004.
- SANTOS, Milton. *Circuitos espaciais da produção: um comentário*. In: A construção do espaço. São Paulo: Nobel, 1986.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. Hucitec: São Paulo, 1988.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, María Laura (orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.
- SANTOS, Milton. *Metrópole corporativa e fragmentada: o caso de São Paulo* (1990). São Paulo: Edusp, 2009a.
- SANTOS, Milton. *Por uma economia política da cidade* (1994). São Paulo: Edusp, 2009b.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* (1996). São Paulo: Edusp, 2002.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SASSEN, Saskia. New York city's informal economy. In: Institute for Social Science Research, Volume IV, 1988-89 - *Conference on Comparative Ethnicity: The Conference Papers*, June 1988. Los Angeles: University of California, 1988.
- SASSEN, Saskia. *The global city: New York, London, Tokio*. Princeton: Princeton University Press, 1991.
- SILVA, Adriana Maria Bernardes da. *A contemporaneidade de São Paulo: produção de informações e reorganização do território brasileiro*. 2001. 282 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SILVA, Adriana Bernardes da; CASTILLO, Ricardo. Dinâmicas metropolitanas en la era de la globalización: la promoción inmobiliaria para empresas en la ciudad de São Paulo, Brasil. *Eure*, Santiago, v. 33, n. 98, pp. 45-56, maio 2007.
- SILVA, Catia Antonia da. Crise da modernidade e trabalho em contextos metropolitanos. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2005, p. 14336-14350.

- SILVA, Silvana Cristina da. *Circuito espacial produtivo das confecções e exploração do trabalho na Metrópole de São Paulo*. Os dois circuitos da economia urbana nos bairros do Brás e Bom Retiro (SP). 2012. 362 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- SILVEIRA, María Laura. Globalización y territorio usado: imperativos y solidaridades. *Cuadernos del Cendes*, v. 25, n. 69, set./dez. 2008.
- SOUZA, Maria Adélia de. Cidade: lugar e geografia da existência. In: SILVA, Sylvio Bandeira de Melo; VASCONCELOS, Pedro de Almeida (orgs.). *Novos estudos de geografia urbana*. Salvador: Ed. da Universidade Federal da Bahia, 1999, p. 9-18.
- TAYLOR, Peter J.; FLINT, Colin. *Geografia Política: Economía-mundo, Estado-nación y Localidad* (1985). Madrid: Trama Editorial, 2002.

Sobre a autora

Silvana Cristina da Silva: bacharel e licenciada (2004), mestre (2007) e doutora (2012) em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente, é professora da Universidade Federal Fluminense (UFF – Campos), onde coordena o grupo de pesquisa "Território e Cidades".

* * *

ABSTRACT

Invisible agents of the used territory: clothing spatial production circuit in São Paulo

"Used territory" is the expression of the territorial division of labor and is revealed at the sites. The metropolis of São Paulo is shown to be a complex place for the accumulation of past territorial divisions, which are imposed on the new actions. The city becomes a place of refuge from the stages of a wide range of spatial production circuits, some with global reach and others with more regional activity. The spatial production circuit for garment-making is centered in São Paulo because, on the one hand, it provides sophisticated and modern activity, belonging to the upper circuit; on the other hand, it concentrates activities of the production itself, characterized as lower circuit, which are often invisible. Thus, we present an analysis of the city's urban dynamics, highlighting the invisible agents of the garment industry, without disregarding the articulation between these agents and the upper-circuit agents in the understanding of the city as a whole, where poverty and wealth are not dissociated.

KEYWORDS: used territory; upper circuit; lower circuit; spatial production circuit; São Paulo.

RESUMEN

Los agentes invisibles del territorio usado: el circuito espacial de la producción de ropa en São Paulo

El territorio usado es la expresión de la división territorial del trabajo y se revela en los lugares. La metrópolis de São Paulo se presenta como un lugar complejo por la acumulación de divisiones territoriales pretéritas, que se imponen a las nuevas acciones. La ciudad se torna lugar de albergue de las etapas de los más diversos circuitos espaciales de producción, siendo algunos de alcance planetario y otros con actuación más regional. El circuito espacial de producción de la indumentaria encuentra su centro en São Paulo porque esta ofrece por un lado actividades sofisticadas y modernas, pertenecientes al circuito superior y, por otro, concentra actividades de la propia producción, caracterizadas como circuito inferior que, muchas veces, son invisibles. De este modo, presentamos un análisis de la dinámica urbana de la ciudad destacando los agentes invisibles del ramo de la indumentaria, sin desconsiderar la articulación entre estos y los agentes del circuito superior en la comprensión de la ciudad como totalidad, donde pobreza y riqueza no se disocian.

PALABRAS CLAVE: territorio usado; circuito superior; circuito inferior; circuito espacial productivo; São Paulo.

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>

Artigo recebido em dezembro de 2012. Aprovado em janeiro de 2013.